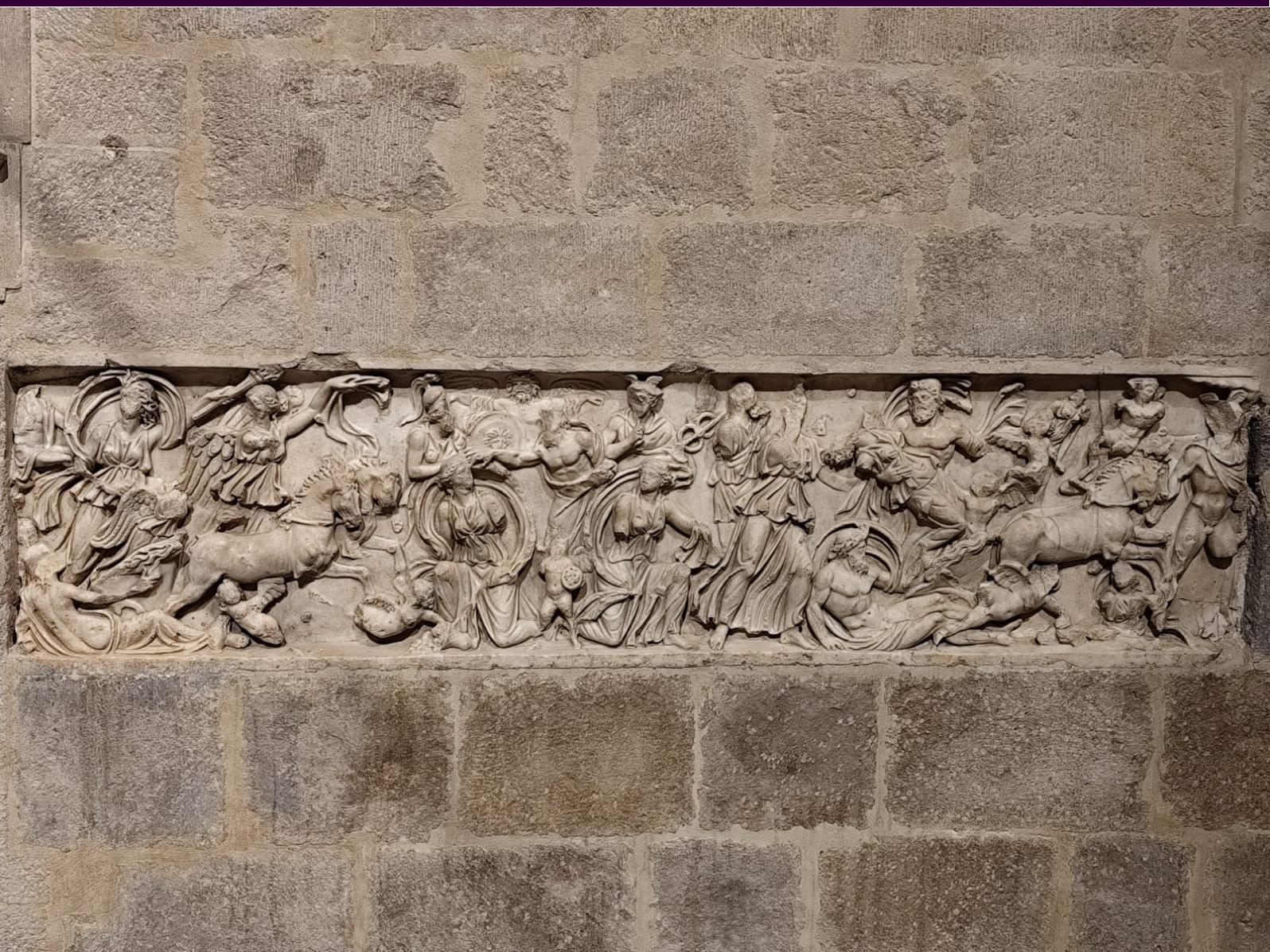


2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 6



2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 6

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcófago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de Prosérpina, séc. III (Basilica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 47
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk | Vinícius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

No coração da gramática: o curso de língua egípcia clássica de Ciro Flamarion Santana Cardoso

Marcos José de Araújo Caldas | Nely Feitoza Arrais

RESUMO

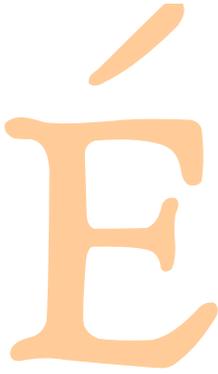
O presente artigo pretende apresentar um breve panorama sobre a língua egípcia antiga e os conhecimentos gramaticais construídos desde sua decifração, tendo, por centro, as propostas de estudos da língua realizadas pelo professor Ciro Flamarion Santana Cardoso (1942-2013) ao longo de sua carreira dedicada em formar outros estudiosos e a pensar a língua egípcia antiga em seus aspectos gramaticais para uma gramática em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE

Língua egípcia antiga; Egiptologia; Estudos gramaticais do egípcio antigo.

SUBMISSÃO 5.11.2024 | APROVAÇÃO 18.3.2025 | PUBLICAÇÃO 23.3.2025

DOI [10.17074/cpc.v1i47.66105](https://doi.org/10.17074/cpc.v1i47.66105)



INTRODUÇÃO: BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS DE LÍNGUA EGÍPCIA

fato universalmente sabido que a primeira decifração sistemática dos hieróglifos egípcios foi feita em 1822 por François Champollion (1760-1832), o jovem, em uma carta destinada a *monsieur* Dacier, onde autor explica sua teoria:

Nós não podemos absolutamente, com efeito, considerar a escrita fonética dos egípcios, seja hieroglífica, seja demótica, como um sistema tão fixo e tão invariável como o nosso alfabeto. Os egípcios estavam habituados a representar diretamente suas ideias: a expressão dos sons não era, na sua escrita ideográfica, senão um meio auxiliar [...]. Percebe-se então que os egípcios desejavam exprimir seja uma vogal, seja uma consoante, seja uma sílaba de uma palavra estrangeira, estão se servindo de um signo hieroglífico exprimindo ou representando um objeto qualquer cujo nome, em língua falada, continha quer no som inteiro, quer em sua primeira parte, o som da vogal, da consoante ou da sílaba que se tratasse de escrever.¹

Isso o encorajou a publicar, dois anos mais tarde, seu *Précis du système hiéroglyphique des anciens égyptiens; ou, recherches sur les éléments premiers de cette écriture sacrée, sur leur diverses combinaisons, et sur les rapports de ce système avec les autres méthodes graphique Egyptiennes*, que contou com uma segunda edição em 1827-1828.² Catorze anos depois, em 1836, Champollion compilava finalmente suas ideias em sua *Grammaire égyptienne ou principes généraux de l'écriture sacrée égyptienne appliquée a la representation de la langue parlée* e acrescentava: “Os nove primeiros capítulos tratam dos elementos próprios do assunto e não se deve esquecer que se trata aqui da teoria de uma escrita, e não da gramática de uma língua”.³

Champollion tinha plena consciência de que as explicações contidas na sua *Grammaire* não faziam parte dos tradicionais estudos da língua que se preocupavam muito mais com valores imanes dos signos e sua relação com os objetos na

realidade do que propriamente com o estudo dos signos em unidades lexicais.

Nas palavras de Wolfgang Schenkel,⁴ essa etapa da pesquisa da língua egípcia será denominada ‘Fase Pioneira’, estendendo-se até meados da década de 70 do séc. XIX e é caracterizada pelo estudo da língua egípcia associada ao estudo do copta como um todo.⁵ A fase seguinte, denominada ‘Codificadora’, preocupou-se em lançar os fundamentos para o entendimento sistemático da língua egípcia. Nessa etapa, dominaram a cena os egiptólogos Adolf Erman (1854-1937), Kurt Sethe (1869-1934); Georg Steindorff (1861-1951) e principalmente Alan Gardiner (1879-1963). Este último foi responsável por dar corpo ao manual mais conhecido e usado de língua egípcia clássica (1927), formalizando certas regras para o entendimento da língua que, em geral, são ainda usadas por todos os egiptólogos; a terceira etapa se estende do início do séc. XX até os dias atuais e tem como figura dominante o professor Hans Jacob Polotsky (1905-1991). Em sua teoria, chamada de “Teoria Modelo” (Standardtheorie), Polotsky preconizava que as frases verbais poderiam ser transpostas,⁶ isto é, transformadas, em substantivos, adjetivos ou advérbios, fazendo com que as sentenças que continham verbos tivessem valor substantival (nominal), adjetival ou adverbial. Nessa linha de pensamento, uma das gramáticas mais representativas é de Gertie Englund.⁷

Muitas das conquistas da segunda fase passaram ao largo das inovações e descobertas da escola estruturalista de F. de Saussure (1857-1913).⁸ Até as primeiras décadas do séc. XX, os estudos linguísticos estavam voltados para o desenvolvimento histórico da língua (diacronia), em especial no que dizia respeito à evolução e à comparação das diversas línguas (filologia), bem como suas raízes comuns e as formas de aquisição da língua. Em sua versão clássica, a filologia considerava a língua não como uma das manifestações da linguagem, mas antes como reflexo da natureza, possuindo cada vocábulo uma relação natural com a coisa a que se refere.⁹ Com Saussure, o estudo da língua voltou-se mais para o funcionamento da língua do que para a evolução dela,

interessando-se pelas “leis que regem a geração do significado”.¹⁰ Em decorrência disso, Saussure postulou que as relações entre as palavras e o mundo real, ou melhor, entre o significante e o significado eram arbitrarias¹¹ e não fruto de leis naturais, criando assim a chamada Teoria da Arbitrariedade do Signo Linguístico.¹² Saussure, no entanto, acreditava na unidade da estrutura do discurso literário, isto é, desprovido de influências externas. Os teóricos estruturalistas da década de 60 matizaram essa opinião. Assim é que para Todorov a descrição da obra literária não pode prescindir de sua dimensão externa ao texto propriamente dito, isto é, ao contexto em que foi produzida.¹³ Esses postulados foram decisivos para os estudos ulteriores das línguas em geral e para estudos de línguas antigas em particular.

AS GRAMÁTICAS DE CIRO F.S. CARDOSO¹⁴

Em língua portuguesa, em especial no Brasil, as primeiras tentativas de ser dar algum estofo ao estudo sistemático da língua egípcia ocorreram pela iniciativa do professor Ciro Flamarion S. Cardoso no final da década de 1980. Para o público brasileiro, permanece, no entanto, um enorme desconhecimento sobre a gramática produzida pelo professor.¹⁵ Em verdade, a atual gramática, que continua inédita, editorialmente falando, é o resultado de pelo menos quatro outras tentativas de dar forma e conjunto ao estudo da língua egípcia.

Podemos dizer que as primeiras tentativas de sistematizar esse conhecimento veio por meio de lições gramaticais, em notas de aula, manuscritas ou datilografadas, contendo proposições iniciais que tinham o objetivo de analisar ponto a ponto a estrutura da língua egípcia, mas fundamentada em uma perspectiva moderna, com extensas análises morfológicas e fonéticas sobre os fenômenos da língua egípcia clássica (ou média) em relação à língua portuguesa. No conjunto, reunidas as notas, podemos considerá-las como a primeira tentativa de construção de uma gramática de língua egípcia.

A segunda gramática foi dividida em sete lições, tendo algumas lições subdivididas em seções.

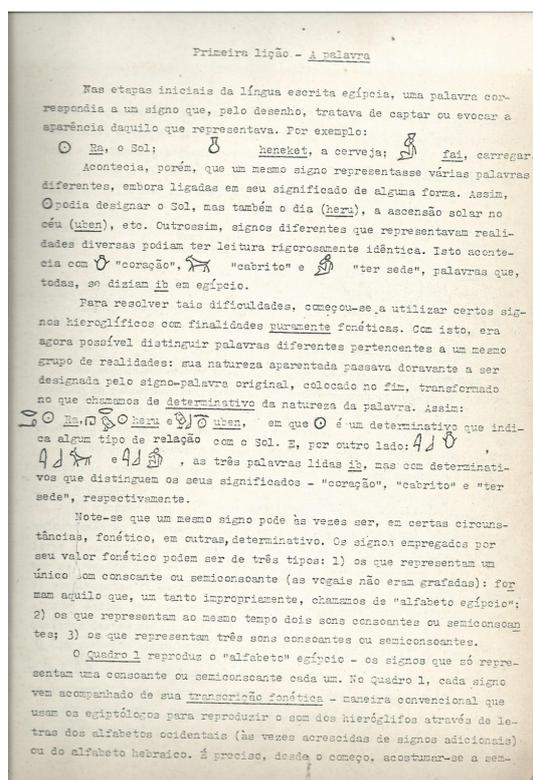


Figura 2: Gramática de Língua Egípcia. datilografada com hieróglifos manuscritos pelo prof. Ciro Cardoso. Material de aula distribuído aos estudantes do curso de Pós-Graduação de Língua Egípcia, UFF-1992. Arquivo pessoal.

A partir da primeira lição, temos uma espécie de crescendo, em que cada lição posterior repete o vocabulário da lição anterior, ao mesmo tempo em que introduz novos vocábulos e noções. O primeiro capítulo intitulava-se "A palavra" e procurava definir o lugar dos substantivos na língua egípcia. A palavra, em seus termos, era definida como "signo" devido ao caráter semântico e simultaneamente ideográfico de sua forma, bem de acordo com a acepção do vocábulo *tit* (em hieróglifos 𓇀𓇂).

): *palavra, vocábulo* e também *imagem* do próprio hieróglifo.¹⁷ Em escrita hieroglífica, cada “letra” (‘t’, ‘i’, ‘t’ + determinativo) é investida de significado.

Nessa etapa, a gramática de *Ciro Cardoso* ainda possuía, a título de curiosidade, figuras indicando as partes que compõem o corpo humano em português e em egípcio (manuscrito), e, na seqüência, exercícios relativos a cada uma das lições, todos acompanhados de um vocabulário básico. O texto datilografado findava com um pequeno dicionário, com vocábulos usados ao longo das lições

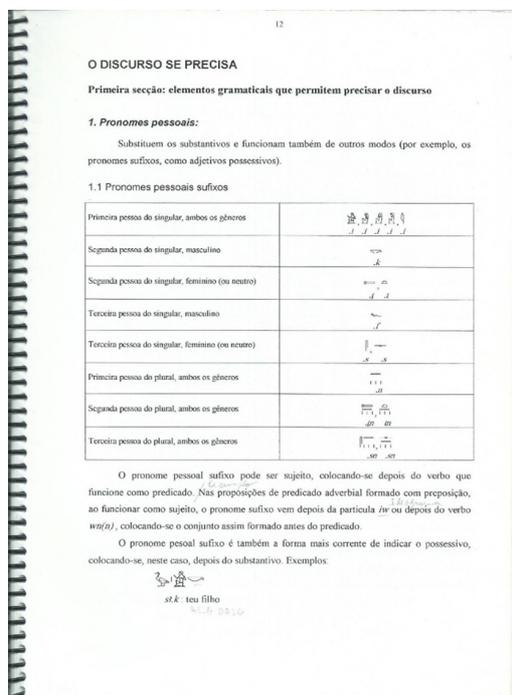


Figura 4: Material de apoio do curso de língua egípcia. Desenhos do professor *Ciro Cardoso*. UFF, 1992.

Fenômenos linguísticos como os chamados “determinativos” ou ainda a transposição gráfica e a transcrição fonética dos signos mais corriqueiros eram tratados *en passant*,

bem como a apresentação de um “pseudo-alfabeto”, que nada mais é do que uma lista dos signos uniliterais e que trazem a ideia mais aproximada de unidade fonética em um único signo.

O ponto alto, porém, vem com o segundo capítulo, “O discurso se precisa”¹⁸ (vide figura 3), e aqui, cremos, reside a sua maior contribuição ao debate das teorias linguísticas em egiptologia. Nesse segundo capítulo, ainda em nível morfossintático, Ciro Cardoso preocupava-se com as partes básicas do discurso, com o foco nos verbos “ser” e “estar” como elementos axiais das sentenças em língua egípcia.

Nessa fase, esquemas rígidos de classificação sintática eram propostos com o fito de fazer memorizar as principais fórmulas com verbos. Outros itens entravam nessa segunda parte acompanhando o primeiro movimento: gêneros de substantivos, a noção de número, adjetivos, as principais preposições, o pronome demonstrativo *pw*. Neste ponto, é importante insistirmos no estudo que Ciro Cardoso fez sobre a língua em seu nível discursivo. Mas o que ele queria dizer com isso? Creio que as pistas sobre essa aproximação à língua egípcia estão em grande parte centradas nos estudos que Ciro Cardoso fez paralelamente sobre a Semiótica.

Em 1976, trabalhando como pesquisador do Programa Centro-americano de Ciências Sociais do *Consejo Superior Universitario Centroamericano* e como professor de História na Universidade de Costa Rica, Ciro F.S. Cardoso ministrou uma disciplina para o curso de Letras dessa universidade, cuja ementa girava em torno da Semiótica Textual, com especial atenção para as análises de Tzvetan Todorov e Lucien Goldmann.¹⁹ A partir de 1990, já no Brasil, suas atividades acadêmicas desenvolvidas na UFF permitiram-lhe o desenvolvimento dos métodos semióticos vinculados à Narratologia de Algirdas Julien Greimas e de Joseph Courtés, muitos estudos dos quais, aliás, foram aplicados a fontes primárias em língua egípcia.²⁰ Essas pesquisas redundaram em seu livro *Narrativa, sentido e história*, publicado em 1997.²¹

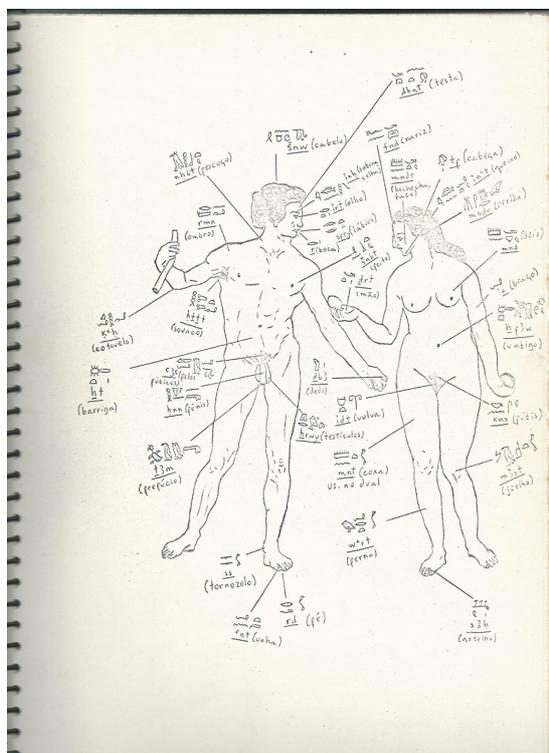


Figura 3: Gramática digitada e entregue aos alunos do curso de língua egípcia – 2007, UFF, p. 12.

Nesse livro – *Narrativa, sentido e história* –, Ciro Cardoso procura mostrar o quanto o nível discursivo é um meio pelo qual é possível perceber, na construção da língua egípcia, um nível narrativo aparente e um outro, imanente, mais profundo, que lhe é mesmo anterior, “prévio aos modos concretos de sua manifestação”.²² A língua egípcia, em sua forma figurativa, possuía todos os elementos – pictóricos, fonéticos, sintáticos etc – da narratividade, pois, com os signos hieroglíficos, o que se nos apresenta não é apenas o que é narrado, mas como é narrado, denunciando assim “relações de dependência mútua” entre o sentido das sentenças e suas formas discursivas, como se apresentam.

Assim, é possível inferir que Ciro Cardoso procurava demonstrar, com o *Curso Língua Egípcia (Egípcio Clássico ou Médio)*, a partir da seção “O discurso se precisa”, que, para além de um “sistema estruturado de signos”, a língua egípcia era por antonomásia uma relação íntima entre “estruturas e processos de significação discursiva” e por isso possibilitava de imediato a passagem do monema (elemento mínimo da fase de análise morfossintática) ao texto (monema, palavra, grupo de palavras, cláusulas, oração e texto)²³ – i.e., fase linguística – e desse ao enunciado, mensagem ou *texto* – fase semiótica.²⁴ É importante ainda sublinharmos que, em nenhuma das gramáticas semelhantes consultadas, temos uma noção tão clara de discurso como aquela empregada à língua egípcia por Ciro Cardoso.

No parte 3, “O discurso de se precisa” de seu *Curso de Língua Egípcia* (p. 12), o autor introduz a noção de aspecto verbal da ação exercida ou sofrida, em relação ao qual os tempos verbais como os conhecemos modernamente – presente, passado e futuro – não são “explícitos” (p. 16). A noção de aspecto é determinante para as modalidades do discurso (ação sofrida ou exercida, qualificação, identificação ou situação) A partir da terceira seção – o verbo –, as partes do discurso ganham cada vez mais riqueza de detalhes. O autor então a divide em duas subseções: a primeira relativa aos verbos fortes, fracos e geminados, e em relação ao infinitivo e suas funções, mantendo ainda o foco na análise morfossintática, características das gramáticas de K. Sethe e A. Gardiner; e a segunda é dedicada aos tipos básicos de proposições frasais (p. 21), mas agora retoma a ideia de que os componentes da frase funcionam como se fossem indutores das circunstâncias em que ocorrem o discurso, muitas vezes até prescindindo dos verbos.

Na quarta parte, intitulada “Elementos Adicionais de Precisão quanto à Sintaxe do Substantivo e à Conjugação Verbal” (p. 26), após uma breve explicação sobre a importância posicional do adjetivo e do substantivo, o conhecimento do verbo é ampliado, com a adição de outros modos verbais, iniciando com as formas passivas e ativas e seus respectivos tempos verbais. Aqui, é reforçada a noção de aspecto das frases em seu nível narrativo,

resultante, contínuo ou passivo. Na quinta parte, é introduzida a noção de estativo (p. 31), por meio de que forma verbal insinua um estado e não uma ação, mesmo que aparentemente possua o que chamamos de verbos de ação.

A sexta parte – “Sintaxe do substantivo e do infinitivo verbal” (p. 40) – retoma mais uma vez noções morfossintáticas de lições precedentes, combinadas com explicações sobre o infinitivo, tendo ele valor substantival ou mesmo verbal absoluto. A sétima parte – “Expressões e formas relativas” (p. 55) – trata majoritariamente do papel descritivo que desempenham os predicados adjetivais, substantivais e adverbiais, além dos adjetivos *nisbé/nisba*, derivados de preposições. Mas é aqui, na subseção 3, “Formas verbais de sentido relativo”, dividida respectivamente em 1) particípio (p. 60), 2) *s□ m.ty.f* (p. 69) e 3) forma verbal relativa (p. 71), que Ciro Cardoso expande sua proposta de se afastar da compreensão da língua egípcia a partir de noções normativas das gramáticas modernas, isto porque, a exemplo do que acontece com os particípios em língua egípcia, há várias formas verbais que não possuem qualquer marcador distintivo específico, como desinências.

Nesse ponto é preciso fazermos uma distinção entre a Gramática Descritiva de Língua Egípcia e o que atualmente chamamos de Gramática Normativa em sua acepção geral. Na primeira, o autor pretende registrar e descrever (daí ser descritiva) o sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais), com base, obviamente em uma gramática universal que lhe serve como meio para definir os elementos daquele sistema linguístico; já em sua forma normativa, cabe à gramática decidir quais e quais elementos lhe servem como modelares. Aqui, se combinam duas propostas: uma de caráter científico e outra de caráter pedagógico. A primeira apresenta os esquemas formais em que se expressam os elementos do sistema linguístico; a segunda recolhe e perfila esses elementos, seguindo critérios de regularidade e exemplaridade. Sem abrir mão dessa experiência com a linguística, Ciro buscou, na segunda versão de seu *Curso de Língua Egípcia* (2007), uma compreensão mais

próxima ao que A. Loprieno chama de “Aproximações Verbalísticas”:²⁵

Em recentes anos, devido em certa medida ao aumento da consciência entre os egiptólogos a respeito das idiossincrasias do sistema polotskyano e dos desenvolvimentos metodológicos no campo da linguística geral, a *Standard theory* parece ter exaurido seu potencial de inovação, sendo ultrapassada por [...] interpretações acerca da sintaxe egípcia nas quais as frases verbais, mais do que sendo convertidas a outras formas de discurso, mantêm em sua totalidade o caráter “verbal”.²⁶

Na última parte, intitulada “Ainda o verbo: imperativo, verbos auxiliares. interrogação e negação”, são introduzidas lições sobre o imperativo, sobre os verbos auxiliares, seguida de explicações sobre proposições interrogativas e sobre expressões negativas.

Por isso Ciro, declara de um modo um tanto confessional a sensação de conforto com as mudanças propostas nesta versão de seu curso, retirando quase que por completo as noções de discurso tão marcantes nas primeiras versões:

Mesmo assim, no que me concerne, o enfraquecimento da teoria derivada de Polotsky, em especial no tocante a seus aspectos mais extremos, é um alívio. Sua aplicação ortodoxa, em gramática, acabava por transformar a língua egípcia em algo muito estranho, quase extraterrestre – portanto, em um idioma muito difícil de aprender (e, portanto, de ensinar). Ora, nas condições que são as da incipiente Egiptologia em nosso país, estou fadado a me concentrar no ensino básico ou introdutório da língua egípcia. E a verdade é que muitas das sutilezas que se podem derivar da corrente polotskyana entendida *stricto sensu* afetam pouco a tradução, em que meus esforços de docente necessariamente se concentram.²⁷

CONCLUSÃO

Como há de se notar, basta uma breve mirada nos títulos das gramáticas e cursos de língua egípcias publicadas desde os

tempos de Champollion, na primeira metade do séc. XIX (*vide infra*), para se notar que o ensino e o aprendizado da língua egípcia tem sido um palco fértil para questões linguísticas, isto porque, abandonando gradativamente a perspectiva naturalista das línguas antigas, em grande parte fundamentada em sistemas alfabéticos indo-europeus, o estudo da língua egípcia clássica, derivada do tronco “afro-asiático”, passou a produzir, nos séc. XX e XXI, uma metalinguagem que buscava – e ainda busca – dar conta dos fenômenos de funcionamento da linguagem que lhe são muito particulares, repensando, em especial a relação entre “nome” e “verbo”. Segundo B. Mathieu,

se é verdade que a desconexão absoluta entre os níveis sintático e semântico, herança do modelo chomskiano (Chomsky, 1965), é dificilmente sustentável, ainda assim essa divisão, na influência que exerceu na egiptologia, também contribuiu de maneira positiva para a degradação da “essência verbal” em favor, mais corretamente, de análises de tipo funcionalista. Uma vez que o “verbo” foi despojado de seu *status* monolítico quimérico e sua posição hegemônica usurpada, a antiga divisão entre “*Nominalsätze*” (frases nominais) e “*Verbalsätze*” (frases verbais) deixa de ter legitimidade, e o espaço é dado a descrições sintáticas do egípcio que podem parecer hoje mais adequadas, baseadas em um sistema de oposição ternária entre “predicação de situação”, “predicação de qualidade” e “predicação de classe” (Vernus 1994, p. 328-329), ou binária entre “proposições com predicado adverbial” e “proposições com predicado nominal”.²⁸

Este novo prisma permitiu a introdução de novos modos de considerar e de entender não apenas o papel da normatividade na gramática egípcia clássica, mas a gramática ela própria. No caso da *Curso de Língua Egípcia Clássica* do prof. Ciro Cardoso, a introdução da noção englobante de discurso que, do ponto de vista da semiótica, permitiu que as proposições em egípcio fossem analisadas não somente em termos normativos descritivos, conforme a gramática tradicional nos aponta, mas como proposições que supunham escolhas deliberadas, temporalidades e

contextos específicos, onde a produção de sentido não é isenta de “intencionalidade e finalidade”²⁹ (p. 17). Cremos que a reavaliação de suas posturas nas últimas versões da gramática do professor Ciro Cardoso, respectivamente 2000 e 2007, fornece bem o tom de quanto as mudanças ocorridas no estudo da língua egípcia ainda escapam a noções enrijecidas de compreensão da linguagem e, no limite, de produção normativa de uma metalinguagem. Sem abandonar as antigas posições, Ciro Cardoso declara: “Este meu curso de língua egípcia (Egípcio Médio) para principiantes é eclético quanto a método e ao enfoque”.³⁰

Acreditamos, então, que não se trata exatamente de uma flexibilização das posições iniciais, mas antes do reconhecimento da inesgotabilidade dos estudos linguísticos no interior, diríamos mesmo no coração, da pesquisa e do ensino de língua egípcia. Por isso, é possível até entrever o significado anfibológico de uma das últimas sentenças analisadas por Ciro na sua derradeira gramática de língua egípcia e que nos revelam um projeto bem mais ambicioso: a da unidade de camadas discursivas vivas no coração da palavra.



Figura 5: *Akh n irr r irrw* (“É mais útil para quem a pratica do que àquele para quem é feita”).³¹

ABSTRACT

This article aims to provide a brief overview of the ancient Egyptian language, and the grammatical knowledge developed since its decipherment, focusing on the studies conducted by professor *Ciro Flamarion Santana Cardoso* (1942-2013). Throughout his career, he was dedicated to training other scholars and analyzing the grammatical aspects of the ancient Egyptian language, contributing to think about the development of a grammar in Portuguese.

KEYWORDS

Ancient Egyptian language; Egyptology; Grammatical Studies of Ancient Egyptian.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S.R.R. de; ROSA, C.B. da. Entra em cena a semiótica. In: ARAÚJO, S.R.R. de; LIMA, A.C.C. (orgs.). **Um combatente pela história**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012. p. 147-162.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- CAPLICE, Richard (com a colaboração de Daniel Snell). **Introduction to Akkadian**. 3. ed. Roma: Instituto Bíblico, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensayos**. San Jose; Costa Rica: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana Cardoso. **Curso de língua egípcia (egípcio clássico ou médio)**. Inédito. 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana Cardoso. **Curso de língua egípcia (egípcio clássico ou médio)**. Inédito.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana Cardoso. **Curso de língua egípcia (egípcio clássico ou médio)**. Inédito. 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana Cardoso. **Narrativa, sentido e história**. Campinas: Papirus, 1997. (1996).
- CHAMPOLLION, Jean-François. **Grammaire égyptienne ou principes généraux de l'écriture sacrée égyptienne appliquée a la representation de la langue parlée**. Paris: Typographie de Firmin Didot Frères, 1836.
- CHAMPOLLION, Jean-François. **lettre a m. Dacier, secrétaire perpétuel de l'Académie Royale des Inscriptions et Belles Lettres, relative a l'alphabet des hieroglyphes phonetiques employés par les égyptiens pour inscrire sur leurs monuments les titres, les noms et les surnoms des souverains grecs et romains**. Paris: Firmin Didot Père et fils, 1822.
- DAVIES, W.V. Os Hieróglifos Egípcios. In: V.V.A.A. **Lendo o passado**: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto. São Paulo: Edusp; Melhoramentos, 1996. p. 96-173.
- ENGLUND, Gertie. **Middle Egyptian**: an Introduction. 2. ed. Estocolmo; Uppsala: Uppsala University; Tryckeri Balder AB, 1995.
- FARIA, L.B. Os hieróglifos antes de Champollion. In: **VVAA**: representações, poder e práticas discursivas. Rio de Janeiro: UFRJ; Prodocência, 2010. Disponível em : <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/default.html>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

GARDINER, Alan H. **Egyptian Grammar**: Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs. 3. ed. Oxford: Cambridge University Press, 1994.

GARDINER, Alan H. Reviews of Recent Publications. Resenha de: Études de Syntaxe Copte. By H.J. Polotsky (Publications de la Société d'Archéologie Copte.) Cairo, 1944. 8vo. ix+104pp. **The Journal of Egyptian Archaeology** (JEA). vol. 33, Londres, dez. 1947. p. 95-101.

LOPRIENO, Antonio. **Ancient Egyptian**: a Linguistic Introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MATHIEU, Bernard. Grammaire et politique. Réflexions sur quelques empreintes idéologiques dans la terminologie linguistique des grammaires de l'égyptien ancien. In: BICKEL, S.; FISCHER-ELFERT, H-W.; LOPRIENO, A. e RICHTER, S. (orgs.) com a colaboração de L. POPKO. **Ägyptologen und Ägyptologien Zwischen Kaiserreich und Gründung der Beiden Deutschen Staaten**: Reflexionen zur Geschichte und Episteme eines Altertumswissenschaftlichen Fach sim 150. Jahr der Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde. Sonderdruck. Berlin: Akademie, 2013. p. 444

MENU, Bernadette. **Petit lexique de l'égyptien hiéroglyphique à l'usage des débutants**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1989.

MENU, Bernadette. **Petite grammaire de l'égyptien hieroglyphique a l'usage des débutants**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1989.

SAUNERON, Serge. Grammaires de la langue égyptienne. In: **A.A.V.V.**: textes et languages de l'Égypte pharaonique. Cent Cinquante Années de Recherches. 1822-1972. Hommages à Jean-François Champollion. Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, 1972.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

SCHENKEL, Wolfgang. **Tübinger Einführung in die Klassisch-ägyptische Sprache und Schrift**. Tübingen: s.n., 1997.

TEIXEIRA, Ivan. Estruturalismo. In: **Cult**: Revista Brasileira de Literatura, III, 15, Outubro, 1998. p. 34-37.

TODOROV, Tzvetan: **Estruturalismo e poética**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

ANEXO: UMA CRONOLOGIA DAS GRAMÁTICAS DE LÍNGUA EGÍPCIA³²

1824	Jean François CHAMPOLLION. Précis du Système Hiéroglyphique des anciens Egyptiens; ou, recherches sur les éléments premiers de cette écriture sacrée, sur leur diverses combinaisons, et sur les rapports de ce système avec les autres méthodes graphique Egyptiennes. Paris, Imprimerie royale, 1824, 2 vol., com um volume de imagens (planches), in-8. Uma segunda edição apareceu em 1827-1828, in-8.
1836	[Jean-François] CHAMPOLLION le Jeune. Grammaire/ égyptienne, / ou / Principes généraux / de l'écriture sacrée égyptienne / appliquée à la représentation de langue parlée. Publicada a partir do manuscrito do próprio autor, por ordem do sr. Guizot, Ministro de Instrução Pública. Paris, Firmin Didot frères, 1836.
1855	Heinrich Karl BRUGSCH. Grammaire démotique / contenant / les principes généraux / de la langue et de l'écriture populaires / des Anciens Egyptiens. Berlin, F. Dümmler, 1855.
1855	Gustav SEYFFARTH. Grammatica Aegyptiaca / Erste Anleitung / zum Uebersetzen altägyptischer Literaturwerke / nebst der / Geschichte des Hieroglyphenschlüssels. Gotha, F.A. Perthes 1855.
1867	Samuel BIRCH, Hieroglyphic Grammar. Dans C.C.J. Bunsen, Egypt's Place in Universal History, London, vol. 5, 1867.
1867	Vicomte (visconde) Emmanuel de ROUGÉ. Chrestomathie Egyptienne / Première partie / Introduction / à l'étude des écritures / et de la langue égyptiennes. Paris, A. Franck, 1867. O fascículo 2 apareceu em 1868 e o 3 em 1875.
1868	Vicomte (visconde) Emmanuel de ROUGÉ. Chrestomathie Egyptienne / Abrégé grammatical / 2o. Fascículo. Paris, Imprimerie Impériale, 1868.
1872	Heinrich BRUGSCH. Grammaire hiéroglyphique / contenant / les principes généraux / de la langue et de la l'écriture sacrée des anciens Egyptiens composée / à l'usage des étudiants. Leipzig, J.C. Hinrichs, 1872.
1872	Heinrich Karl BRUGSCH. Hieroglyphische Grammatik: oder, Übersichtliche Zusammenstellung der graphischen, grammatischen und syntaktischen Regeln der heiligen Sprachen und Schrift der alten Aegypter zum Nutzen der studierten Jugend. Leipzig, J.C. Hinrichs, 1872.
1875	Vicomte Emmanuel de ROUGÉ. Chrestomathie Egyptienne / Abrégé grammatical / 3 fascículo.. Paris, Imprimerie Nationale, 1875.
1875	Sir Peter le Page RENOUF. An / Elementary Grammar / of the / ancient Egyptian Language / in the / hieroglyphic type. Archaich Classics. London: S. Bangster and Sons, 1875. Uma segunda edição apareceu em 1890.
1800	Adolf ERMAN. Neuägyptische Grammatik. Leipzig, W. Engelmann, 1880.
1889	Victor LORET. Manuel / de la / Langue égyptienne / Grammaire, Tableau des hiéroglyphes, / textes & glossaire. Paris. Ernest Leroux, 1889.
1889	Adolf ERMAN. Die Sprache / des / Papyrus Westcar. / Eine Vorarbeit / zur / Grammatik der älteren ägyptischen Sprache. Abhandlungen der Königlichen

	Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, besonders abgedruckt. Göttingen, Dieterich, 1889.
1890	Sir Peter le Page RENOUF. An Elementary Grammar... segunda edição (vide 1875). Londres: S. Bagster & Sons, 1890.
1894	Adolf ERMAN. Ägyptische Grammatik / mit / Schrifttafel, / Literatur, / Lesestücke / und / Wörterverzeichnis. Porta Linguarum Orientalium, pars 15. Berlim: Reuther & Reichard, 1894. Uma segunda edição apareceu em 1902, uma terceira em 1911 e a quarta e última em 1928.
1894	Adolf ERMAN. Egyptian Grammar / with / Table of signs, bibliography / exercises for reading / and / glossary. Traduzida por James Henry Breasted. Londres: Williams and Norgate, 1894.
1895	E. A. WALLIS BUDGE. First Steps in Egyptian / A Book for Beginners. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1895. Um nova edição apareceu em 1923.
1899	E. A. WALLIS BUDGE. Easy Lessons / in / Egyptian Hieroglyphics / with sign list. Books on Egypt and Chaldaea, vol. III. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. 1899. Outras tiragens apareceram em 1902 (2a. Impressão), 1910 (3a.), 1922 (4a.), 1935 (5a.) e 1951 (6a.).
1899-1902	Kurt SEIHE. Das aegyptische Verbum im Altägyptischen, Neuägyptischen und Koptischen. I. Laut- und Stammeslehre. II. Formenlehre und Syntax der Verbalformen. III. Indices. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1899-1902, 3 volumes.
1901	Francesco ROSSI. Grammatica egizia / nelle tre scritture / Geroglifica, Demotica e Copta. Torino: Ditta G. B. Paravia, 1901
1902	Adolf ERMAN. Aegyptische Grammatik / mit / Schrifttafel, Literatur, Lesenstücken / und / Wörterverzeichnis. Segunda edição totalmente revista. Berlim: Reuther & Reichard, 1902.
1902	E.A. WALLIS BUDGE. Easy Lessons / in / Egyptian Hieroglyphics. Segunda edição: Londres: Kegan, Paul, Trench, Trubner & Co., 1902. A primeira edição apareceu em 1899; outras tiragens foram feitas em 1910 (3a.), 1922 (4a.), 1935 (5a.) e em 1951 (6a.)
1905	Margaret Alice MURRAY. Elementary Egyptian Grammar. Londres: B. Quaritch, 1905. Outras edições apareceram em 1908 (2a.), 1914 (3a.) e 1920 (4a.).
1906	Hermann JUNKER. Grammatik / der / Denderatext. Leipzig, J. C. Hinrichs, 1906.
1908	Margaret Alice MURRAY. Elementary Egyptian Grammar. 2a edição Londres: B. Quaritch, 1908
1910	Giulio FARINA. Grammatica della lingua egiziana antica in caratteri geroglifici. Milano, U. Hoepli, 1910. Uma segunda edição apareceu em 1926, e será traduzida para o francês 1927.
1910	E. A. WALLIS BUDGE. Easy Lessons / in / Egyptian Hieroglyphics / with sign list. Books on Egypt and Chaldaea, vol. III. 3a. Edição. Londres: Kegan

	Paul, Trench, Trubner & Co., 1910.
1911	Adolf ERMAN. Ägyptische Grammatik / mit / Schrifttafel, / Literatur, / Lesestücke / und / Wörterverzeichnis. 3a. edição totalmente refeita Berlin: Reuther & Reichard, 1911
1913	Günther ROEDER. Ägyptisch / praktische Einführung in die Hieroglyphen und die ägyptische Sprache / mit Lesenstücken und Wörterbuch. Clavis Linguarum Semiticarum, pars VI. Munique: C.H.Beck, 1913. Uma edição inglesa apareceu em 1920. Uma edição alemã apareceu em 1926.
1914	Jean LESQUIER. Grammaire égyptienne / d'après la troisième édition de la grammaire d'Adolf ERMAN. Cairo: IFAO, Bibliothèque d'Etude, tomo 7, 1914.
1914	Margaret Alice MURRAY. Elementary Egyptian Grammar. 3a edição Londres: B. Quaritch, 1914. Edições anteriores 1905 e 1908.
1920	Margaret Alice MURRAY. Elementary Egyptian Grammar. 4a edição Londres: B. Quaritch, 1920
1920	Günther ROEDER. Short Egyptian Grammar. Traduzido do alemão / por / Rev. Samuel A.B. Mercer. New Haven, Yale University Press, 1920.
1922	Etienne DRIOTON. Cours / de / grammaire égyptienne. Nancy: 1922. (datilografada)
1922	E.A. WALLIS BUDGE. Easy Lessons / in / Egyptian Hieroglyphics / with sign list. Books on Egypt and Chaldaea, vol. III. 4a. Edição. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1922
1923	E.A. WALLIS BUDGE. First Steps in Egyptian / A Book for Beginners. Nova Edição. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1923
	Adolf ERMAN. Kurzer Abriss der ägyptischen Grammatik zum Gebrauch in Vorlesung mit Schrifttafel, Lesenstücken und Wörterverzeichnis. Segunda edição não revisada. Berlin: Reuther & Reichard, 1924.
1924	Antoine ZIKRI. Gramática de língua egípcia em árabe.
1925	Willhelm SPIEGELBERG. Demotische Grammatik. Heidelberg, C. Winter: 1925
1926	Giulio FARINA. Grammatica dell'antica lingua egiziana in caratteri geroglifici. 2a. edição revisada. Milão: 1926. A primeira edição apareceu em 1910. Uma tradução francesa apareceu em 1927.
1926	Günther ROEDER. Ägyptisch / praktische Einführung in die Hieroglyphen und die ägyptische Sprache / mit Lesenstücken und Wörterbuch. Clavis Linguarum Semiticarum, pars VI. Segunda edição melhorada e ampliada. Munique: C.H.Beck, 1926.
1927	Alan H. GARDINER. Egyptian Grammar / being an Introduction to / the Study of Hieroglyphs. Oxford: Clarendon Press, 1927.
1927	Samuel Alfred Browne MERCER. An Egyptian Grammar with Chrestomathy and Glossary. Oriental Research Series. Vol. I. Londres: Luzac & Co., 1927.
1927	J. FARINA. Grammaire de l'ancien Egyptien (hiéroglyphes). Edição francesa de René Neuville, segundo uma nova edição italiana refeita. Paris: Payot, 1927.

1928	Adolf ERMAN. Ägyptische Grammatik / mit Schrifttafel, Paradigmen und Übungsstücken / zum Selbststudium und zum Gebrauch / in Vorlesungen. Porta Linguarum Orientalium, [pars] 15. 4a. edição totalmente refeita Berlin: Reuther & Reichard, 1918.
1929	Adolf ERMAN. Ägyptische / Grammatik / Ergänzungsband zum Erlernen der Schrift, Paradigmen / und Übungsstücke. Berlin: Reuther & Reichard, 1929.
1930	Frida BEHNK. Grammatik / der Texte aus / El Amama. Paris, P. Geuthner, 1930.
1932	Margaret Alice MURRAY. Elementary Egyptian Grammar. 5a. edição Londres: B. Quaritch, 1932. Edições precedentes: 1905, 1908, 1914 e 1920.
1933	Adolf ERMAN. Neuägyptische Grammatik. 2a. totalmente revista. Leipzig: W. Engelmann, 1933.
1935	E.A. WALLIS BUDGE. Easy Lessons in Egyptian hierophycs with sign list. Books on Egypt and Chaldaea. Vol. III. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. 1935. 5a. Edição cujo primeiro título apareceu em 1899.
1935	Alan H. Gardiner e M. Gauthier-Laurent. Supplement to Gardiner's Egyptian Grammar. I. Addition and Corrections, por Alan H. Gardiner e II. General Index of References, por M. Gauthier-Laurent. Neuilly sur Seine, 1935.
1936	Georges ORT-GEUTHNER. Grammaire démotique / du / Papyrus démotique de Londres et Leyde (n?). Demotica I. Paris: P. Geuthner, 1936.
1940	Gustave LEFEBVRE. Grammaire / de / l'Égyptien Classique. Cairo: Bibliothèque d'Etude de l'IFAO. Tomo XII, 1940. Uma segunda edição apareceu em 1955.
1941	Adriaan de BUCK. Egyptische Grammatica. Leiden, 1941. Uma segunda edição apareceu em 1944 e uma tradução francesa em 1952.
1942	Marius CHAÏNE. Notions / de langue égyptienne. Vol. II: Langue du Nouvel Empire / Le néo-égyptien, ses rapports avec le moyen-égyptien et les dialectes coptes. Paris: P. Geuthner, 1942.
1944	Dr. Adriaan de BUCK. Egyptische Grammatica. 2a edição melhorada. Leiden, Nederlandsch Instituut voor het nabije Oosten, 1944. Uma primeira edição apareceu em 1941 e uma tradução francesa apareceu em 1952.
1950	Sir Alan GARDINER. Egyptian Grammar / being an Introduction to the Study of Hieroglyphs. 2a. edição totalmente revisada. Londres: Oxford University Press, 1950.
1951	František ILEXA. Grammaire démotique. I (1949). Introduction, orthographe, phonétique. II (1950). Morphologie 1. Pronoms, substantifs, adjectifs, numéraux. III (1947). Morphologie 2. Verbe I: classification des verber, formes simples des verbes. IV (1948) Morphologie 2. Verbe II: formes composées du verbe. V (1948) Morphologie 3. Particules. VI (1948). Syntaxe. VII (1951). Index. Prahá, Edição do autor, II, Sokolská, 1947-1951, 7 fascículos.

1951	Ernest. A. WALLIS BUDGE. Egyptian Language. Easy Lessons in Egyptian hieroglyphics with sign list. 6a. Edição. Londres: 1951
1952	Dr. Adriaan de BUCK. Grammaire élémentaire du Moyen Egyptien. Traduzido por B. van de Walle e J. Vergote, revista pelo autor. Leiden, E.J. Brill, 1952. Tradução da edição holandesa de 1944.
1954	□ Abd el-Mo□ sAKIR, árabe. Cairo, 1954. Com o prefácio em inglês e francês.
1955	Gustave LEFEBVRE. Grammaire / de / l'Égypte classique. 2a. Edição revista e corrigida com a colaboração de Serge Sauneron. Cairo: Bibliothèque d'Etude de l'IFAO, tomo XII, 1955. Um segunda tiragem desta segunda edição surgiu por processo fotomecânico em 1967.
1955 e 1964	Elmar EDEL. Altägyptische Grammatik. Analecta Orientalia 34 e 39. Vol. I: Roma, Pontificum Institutum Biblicum, 1955. Vol. II. Ibid. 1964. Um <i>register</i> dos <i>Zitaten</i> apareceu em 1967.
1956	C. E. SANDER-HANSEN. Studien zur Grammatik der Pyramidentexte. Analecta Aegyptiaca VI. KØBENHAVN, Ejnar Munksgaard, 1936.
1957	Sir Alan GARDINER. Egyptian Grammar / being an Introduction to the Study of Hieroglyphs. 3a. Edição. Revisada. Londres: Oxford University Press. 1957.
1957	N.S. PETROVSKI. La langue égyptienne. Introduction aux hiéroglyphes et au vocabulaire, avec un exposé de la grammaire du moyen égyptien, sous la rédaction de l'académicien V.V. Struve. Leningrado, ed. de l'Université, 1958.
1960	Hellmut BRUNNER. Abriss der mittelägyptischen Grammatik / Zum Gebrauch in akademischen Vorlesungen. Graz. Austria, Akademische Druck und Verlagsanstalt, 1961.
1963	Sergio DONADONI. Appunti di Grammatica Egiziana, con un elenco di segni e di parole. Milão: ed. Cisalpino/Goliardica, 1963 (2a. Edição 1990).
1964	Elmar EDEL. Altägyptische Grammatik, II. (vide supra, 1955).
1967	Hellmut BRUNNER. Abriss der / mittelägyptischen Grammatik / zum Gebrauch in akademischen Vorlesungen. Segunda edição estendida e melhorada. Graz, Austria: Akademische Druck, 1967.
1967	Rolf GUNDLACH e Barbara SCHWARTZKOPF. Altägyptische Grammatik / Elmar Edel / Register der Zitate. Roma, Pontificum Institutum Biblicum (vide supra, 1955-1964).
1969	Gertie ENGLUND. Introduction à l'Égyptien Pharaonique. Inclui: p. 95-101, aperçu de la grammaire de l'ancien égyptien; p 102-110: aperçu de la grammaire du nouvel égyptien; p. 111-131: Liste de signes. Stockholm, Språkförlaget Skriptor, 1969.
1970	N.S. PETROVSKI. Sochétyanya slov v Egipetskom Iaziké. Moskva, 1970.
1971	Pierre du BOURGUET, s.j. Grammaire égyptienne / Moyen Empire Pharaonique / méthode progressive / basée sur les armatures de cette langue. Louvain, Ed. Peeters, 1971.

1973	M. KOROSTOVSEV. Grammaire du néo-égyptien. Moscou, Ed. „Naouka“, département de la littérature orientale, 1973.
1978	Jaroslav ČERNÝ e Sarah Israelit GROLL, com a contribuição de Christopher EYRE. A late Egyptian Grammar. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1978. A 4a. edição é de 1993.
1989	Bernadette MENU. Petite Grammaire de L'Égyptien Hieroglyphique a L'usage des débutants. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1989. 2 volumes. I vol.: Petite Grammaire de L'Égyptien Hieroglyphique a L'usage des débutants, 1989; II vol. Exercices corrigés de la Petite Grammaire de l'Égypte Hieroglyphique à l'usage des débutants. 1998.
1990	Wolfgang SCHENKEL. Einführung in die altägyptische Sprachwissenschaft. Darmstadt: WBG, 1990.
1991	Friedrich JUNGE. Late Egyptian Grammar. An Introduction. Traduzida do alemão por David Warburton. Oxford Griffith Institut, 2001. Publicada a partir da 2a. edição em alemão editada pela Otto Harrassowitz de 1999.
1991-1993	Sir Alan GARDINER. Gramática Egípcia. Una Introducción al estudio de los jeroglíficos. 1a. edição. 2 Tomos 1991 e 1993. Editorial Lepsius.
1995	Antonio LOPRIENO. Ancient Egyptian. A Linguistic Introduction. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
1995	Gertie ENGLUND. Middle Egyptian. An Introduction. 2a. edição. Estocolmo/Uppsala: Universidade de Uppsala/Tryckeri Balder, AB, 1995.
1996	Karl JANSEN-WINKELN. Spätmittelägyptische Grammatik der Texte der 3. Zwischenzeit. Wiesbaden, 1996, 556 p.; Ägypten und Altes Testament 34.
1996	François NEVEU. La langue de Ramsès. Grammaire de néo-égyptien Kheops, Paris, 1996.
1997	Wolfgang SCHENKEL. Tübinger Einführung in die klassisch-ägyptische Sprache und Schrift. Tübingen 1997. A partir das versões já esgotadas de 1991 e 1994.
2001	James P. ALLEN. Middle Egyptian. An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphis. 3a. Edição. Revisada, com uma nova análise do sistema verbal. Cambridge, Cambridge University Press, 2014.
2016	Ronaldo Guilherme Gurgel PEREIRA. Gramática fundamental de Egípcio Hieroglífico para o estágio inicial da língua egípcia (de ca. 3000 a 1300 a.C.). Editora Chiado. Portugal/Brasil/Angola/Cabo Verde, 2016.

¹ Champollion, 1822, p. 11.

² Paris, Imprimerie royale, 1824, 2.vol., com um volume de imagens (planches), in-8.

³ Grifos do próprio autor. *Grammaire Égyptienne ou Principes Généraux de l'Écriture Sacrée Égyptienne appliquée à la représentation de la langue parlée*. Paris: Typographie de Firmin Didot Frères, 1836

⁴ Schenkel, 1997, p. 22.

⁵ A importância do copta para o estudo da língua egípcia e ressaltada em Schenkel, 1997, p. 07 sqq.

⁶ Esta teoria era chamada também de Teoria da Transposição.

⁷ Englund, 1995.

⁸ Em realidade, o que temos no *Cours de linguistique générale* foi preparado com base nas anotações dos cursos de Linguística Geral dados por Saussure entre os anos de 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911. Saussure, 1972.

⁹ Teixeira, 1998, p. 35; Faria, 10, p. 3 sqq.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 35.

¹¹ A palavra “arbitrária” é tomada aqui no sentido de imotivada.

¹² Saussure, 1972, p. 100-101.

¹³ Todorov, 1971. “Digamos, para encerrar a questão das relações entre a literatura e a realidade, que estas não são inexistentes, mas não têm o caráter a um só tempo dominante e simplista que se quis atribuir-lhes. Vimos, a propósito do *Decameron*, que, para compreender melhor a sintaxe narrativa, somos obrigados em certos momentos a referir-nos ao contexto social no qual aparece a obra. Esta referência não é certamente única; mas somos tentados a dizer que é a “realidade” que às vezes faz parte da obra, mais que o caso contrário” (p. 91).

¹⁴ Separamos folhas avulsas dos cursos ministrados a partir dos anos 90 e dados pelo próprio Ciro Cardoso em aula. Verificamos que com o passar dos anos as análises morfossintáticas, centradas na descrição dos fenômenos sintáticos (pré-polotskianas), passaram à análises de tipo funcionalista com o foco nos aspectos verbais.

¹⁵ O curso de língua egípcia está disponível em: [clique para acessar](#).

¹⁶ Gardiner, 1994. A primeira edição da gramática de Gardiner aparece em 1927. Desde então, a Gramática de Sir Alan Gardiner recebeu três edições, sendo que a última edição ganhou 15 impressões.

¹⁷ Em um livro organizado por Ciro e Vainfas (CARDOSO, C.F.S.; VAINFAS, R. História e análise de textos. CARDOSO, C.F.S.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História**: ensaios em teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997) na década de 90, ao comentar um livro de Laurence Bardin (BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991), chama a atenção da insuficiência com que a linguística trata a palavra: “[Q]ue, curiosamente não tem nenhuma definição precisa em linguística” (p. 545-546).

¹⁸ Usamos como referência a segunda versão da gramática (2000) por estar bem mais expandida, ocupando quase todo conteúdo restante, a partir da página 12. É de se notar que a contagem da numeração dos tópicos reinicia (1, 1.1, 1.2 ...)

¹⁹ Cardoso, 2001, p. 09.

²⁰ Araújo, 2012, p. 147-162. Em uma nota de pé-de-página (n. 180, p. 149) o autor admite que seu interesse pela semiótica adveio das leituras, ainda na infância, de livros de ficção científica.

²¹ A versão que possuímos é de 1996.

²² Cardoso, 2001, p. 5.

* É importante aqui diferenciar a noção de *texto* implicada nos Estratos Gramaticais e o uso da palavra em semiótica. O primeiro sentido se dá por mera oposição a noção de oração. A oração é uma unidade sintagmática de ‘sujeito’ e ‘predicado, ou seja, referente e referido. O texto, por sua vez, é, neste sentido, um estrato superior à oração a um nível idiomático, aqui entendido como *funcional* dentro do exercício das funções sintáticas, assegurando-lhe uma realidade sintática, sem determinar seu valor. Bechara, 1999, p. 45 e 46-51. Já na definição Semiótica, o *texto* é tomado como sinônimo de discurso, inclusive designando uma organização sintagmática tanto linguística (comportamentos verbais) quanto não linguística (comportamentos somáticos significantes) que subjaz a manifestação mesma do discurso\texto. Assim, pode-se considerar o ballet, um filme ou um ritual etc como texto e\ou como discurso. Cf. GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. **Sémiotique**: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachete, 1979. Verbetes “discours” e “texte”.

²³ Bechara, 1999, p. 44-45.

²⁴ Por exemplo, na aproximação feita por Ciro Cardoso (2001, p. 29) entre discurso = enunciado, mensagem ou texto

²⁵ Loprieno, 1995, p. 09.

²⁶ Idem, ibidem.

²⁷ Cardoso, 2007, p. vii.

²⁸ Mathieu, 2013, p. 444. No original: “*S’il est vrai que la déconnection absolue entre niveaux syntaxique et sémantique, héritage du modèle chomskien (Chomsky, 1965), est difficilement tenable, il reste que cette partition, dans l’influence qu’elle a pu exercer en égyptologie, a contribué elle aussi de manière positive à la dégradation de l’essence verbale*” au profit, plus justement, d’analyses de type fonctionnaliste. Le “verbe” étant dépourvu de son statut monolithique chimérique et de son rang hégémonique usurpé, la division ancienne entre “Nominalsätze” vs “Verbalsätze” n’a plus de légitimité, place est laissée à des descriptions syntaxiques de l’égyptien qui peuvent paraître aujourd’hui mieux adaptées, fondées sur un système d’opposition ternaire entre “prédication de situation”, “prédication de qualité” et “prédication de classe” (Vernus, 1994, p. 328-329), ou binaire entre “propositions à prédicat adverbial” et “propositions à prédicat nominal” (Grandet; Mathieu 2003, p. 649-652).

²⁹ Cardoso, 1997, p. 14; 17. Nas palavras de Cardoso: “Em semiótica, a produção de um discurso aparece como resultado de uma seleção contínua operada entre as diferentes unidades possíveis: o discurso supõe uma temporalidade e é da ordem do processo semiótico, ou melhor, da relação entre estruturas e processos de significação discursiva”; e lembrando Greimas: “[...] a descrição semiótica da significação é, por conseguinte, a construção de uma linguagem artificial adequada”. A linguagem que permitiria falar do sentido seria, então, uma semiótica das formas de significação que procurasse captar as suas articulações, manipulações e transformações nos discursos e textos (Greimas, 1970, p. 14, 17). Essa postura lógica obriga a renunciar à esperança ingênua de captar o sentido como um encadeamento linear e imóvel de significações unívocas, contidas nos textos e nos discursos: já vimos que o sistema estruturado supõe um processo (e vice-versa)” (p. 17).

³⁰ Cardoso, 1997, vii.

³¹ Invocação aos vivos – L’enseignement loyaliste, séc. XX a.C. – XIII. Dinastia apud Cardoso, 2007, p. 109.

³² Sauneron, 1972, p. 179-194. Esta não é uma lista exaustiva e também não inclui os estudos pontuais sobre a língua egípcia.